

## MORTE, ACULTURAÇÃO, NASCIMENTO E IMAGEM: UM ESTUDO DAS CANÇÕES EM "O AVESSO DA PELE" DE JEFERSON TENÓRIO



DEATH, ACCULTURATION, BIRTH, AND IMAGE: A STUDY OF THE SONGS IN "O AVESSO DA PELE" BY JEFERSON TENÓRIO

*Émile Cardoso Andrade\**

Universidade Estadual de Goiás, UEG, Goiás, GO, Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5766-4703>

\*Autor correspondente: ([emilecardoso@ueg.br](mailto:emilecardoso@ueg.br))

*Vinícius Moraes dos Santos*

Universidade Estadual de Goiás, UEG, Goiás, GO, Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5766-4703>

\*Autor correspondente: ([vinimsatos@hotmail.com](mailto:vinimsatos@hotmail.com))

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo principal fazer um estudo sobre quatro canções ("Abundantemente morte" de Luiz Melodia, "Aculturado" de Itamar Assumpção, "Ao que vai nascer" de Milton Nascimento e Fernando Brant, e "Imagem" de Jards Macalé) citadas no livro "O avesso da pele" de Jeferson Tenório, lançado em 2020. Através dessa análise, buscamos discutir como a poética dessas canções enriquece a narrativa do livro. Nossas análises poéticas são fundamentadas em torno de Antônio Cândido (2006) e os aportes antropológicos e filosóficos utilizaremos de Almeida (2019,) Munanga (1999).

**Palavras-chave:** Literatura brasileira. Estética. Música. Poesia. Racismo.

**Abstract:** Abstract: This article aims to conduct a reflective study on four songs ("Abundantemente Morte" by Luiz Melodia, "Aculturado" by Itamar Assumpção, "Ao Que Vai Nascer" by Milton Nascimento and Fernando Brant, and "Imagem" by Jards Macalé) cited in the book "O Averso da Pele" by Jeferson Tenório, published in 2020. Through this analysis, we seek to discuss how the poetics of these songs enrich the book's narrative. Our poetic analyses are based on Antônio Cândido (2006), and we use the anthropological and philosophical contributions of Almeida (2019) and Munanga (1999).

**Keywords:** Brazilian literature. Aesthetics. Music. Poetry. Racism.

---

## 1. INTRODUÇÃO

Ao longo do livro “O avesso da pele” (2020), o autor Jeferson Tenório, introduz quatro canções que se relacionam intrinsecamente com a trama. O objetivo deste estudo é analisar a relação dessas canções com o contexto em que são mencionadas. Além disso, buscamos uma perspectiva mais ampla para aprofundar nossa compreensão desta obra, que foi agraciado com o Prêmio Jabuti em 2021.

A obra apresenta uma narrativa simples, porém é envolta em uma sensibilidade poética essencial. Nessa linha de pensamento, sentimos estímulo em compreender até que ponto essas músicas contribuem para a estética do livro.

A relação entre a música popular brasileira e a literatura é profunda e multifacetada. Ao longo da história, essas duas formas de expressão artística têm influenciado e inspirado uma à outra, resultando em uma rica interação cultural. Podemos citar algumas características pelas quais a música popular brasileira está ligada à literatura, tais como: a linguagem poética, que pode ser identificada em algumas letras de canções; a adaptação de poemas em canções; a influência temática de questões sociais, políticas e culturais, bem como a contação de histórias, tanto em algumas músicas como na literatura; a intertextualidade; as colaborações artísticas; e a preservação da língua e da identidade cultural.

Abraçamos as ideias de Barthes (2003, p. 243) quando ele se refere à demarcação crítica entre voz, escuta e alteridade, a música aí funcionando como eixo irradiador e multiplicador dessa reação sob a transferência da escritura, do texto lido musicalmente. Assim se dá, o corpo na voz que canta, na mão que escreve, no momento que executa.

Essa junção ganha um significado adicional: o poder interpretativo. O texto, as oscilações da voz na música, o corpo expressivo e um olhar que muda de direção compõem esse cenário musical.

Dessa forma, podemos afirmar que a relação entre a música popular brasileira e a literatura é complexa e enriquecedora. Ambas as formas de arte contribuem para a abrangência e a celebração da cultura e da identidade brasileira.

Nossa pesquisa será de natureza documental, pois temos o texto literário como uma expressão discursiva do autor, implicando que ele não é apenas uma obra isolada, mas parte de um discurso mais amplo. No contexto da obra, o autor a complementa com quatro canções que se entrelaçam na trama do livro. Essas canções serão nossos objetos de pesquisa, pois nosso objetivo é correlacionar, estabelecer ou mesmo demonstrar uma relação entre as canções e o texto literário. Desmembrado nossos objetivos, vamos examinar os comentários analíticos e também as interpretações analíticas das canções. Diante disso, propomos nos aproximar da essência e das nuances do que o autor pretendia comunicar através de sua obra, e verificar se as canções analisadas contribuem para o enriquecimento estético do livro.

Para auxiliar na organização dos dados, adotamos o uso de uma ficha de registro. Durante as leituras do livro “O avesso da pele” (2020), assim enumeramos as canções por ordem de aparição na narrativa.

Baseados na metodologia de Cândido (2006, p. 27 e 28), nosso método de pesquisa envolve, primeiramente, a realização de comentários analíticos das canções citadas no livro "O Averso da Pele" (2020). Nesse estágio inicial, selecionamos as canções mencionadas na obra, visando um estudo das letras. Durante a análise, abordamos aspectos detalhados das composições musicais, com o intuito de identificar e examinar diversos elementos literários presentes nas letras. Entre esses elementos, damos ênfase às figuras de linguagem, como

---

metáforas, metonímias e antíteses, que contribuem para a riqueza poética das canções. Além disso, buscamos reconhecer temas recorrentes que permeiam as letras, analisando como esses temas se interconectam e se manifestam ao longo das canções. Também nos atentaremos para possíveis mensagens implícitas, explorando as nuances que podem revelar significados profundos e contextos socioculturais relevantes.

Na sequência, conduzimos uma interpretação analítica, na qual estabelecemos uma reflexão profunda sobre a relação entre a letra da música e o contexto do livro em que ela foi citada. Isso nos permitiu explorar conexões mais sutis entre os elementos artísticos das canções e os temas, personagens e atmosfera do livro, enriquecendo nossa compreensão da obra literária.

Finalmente, aprofundamos nossa interpretação da narrativa do livro "O Averso da Pele" (2020) ao expandir nossa análise para incluir as músicas citadas na obra. Essa abordagem holística permitiu uma investigação mais detalhada das camadas de significado presentes na narrativa. Ao integrar a análise das referentes canções, podemos examinar de maneira mais abrangente como elas contribuem para a construção da atmosfera narrativa, dos simbolismos e da mensagem geral transmitida pelo autor. Este método permitiu revelar a intertextualidade entre a narrativa literária e as canções, possibilitando uma compreensão mais rica do texto. Em última análise, esperamos demonstrar como as canções selecionadas desempenham um papel crucial na ampliação e profundidade da interpretação da obra, destacando suas implicações socioculturais e estéticas.

Perfeitamente, ao seguir o modelo proposto por Cândido (2006), nosso trabalho se desenvolveu em etapas estruturadas e interconectadas, visando alcançar uma abrangência ampla tanto das músicas quanto da narrativa literária. Para enriquecer nossos estudos utilizamos das contribuições dos autores Almeida (2019) e Munanga (1999). Além disso, em relação à poesia, utilizamos as ideias de Bosi (2002, p. 10), que ressalta como a poesia se torna uma acolhida bem-vinda em um mundo repleto de informações e frustrações. Segundo esse autor, o poeta é capaz de extrair sensibilidade mesmo no meio desse amontoado de objetos.

Ao examinarmos o conteúdo do livro "O avesso da pele" (2020), é evidente a manifestação da tendência escapista e da sensibilidade intrínseca do protagonista. Em diversas passagens, o protagonista recorre à canção como um mecanismo para introduzir beleza em sua existência, servindo como um contraponto ao ambiente opressivo e desolador que o rodeia. A canção, nesse contexto, não é apenas uma forma de entretenimento, mas atua como um catalisador emocional e psicológico, permitindo ao protagonista uma válvula de escape e um meio de preservar sua integridade emocional diante das adversidades.

Dessa forma, ao integrar as perspectivas desses autores, estamos moldando nosso trabalho de maneira a explorar a relação entre as canções e a narrativa literária com profundidade e sensibilidade, considerando não apenas os aspectos artísticos, mas também as dimensões culturais e emocionais presentes no livro.

## **2. CONHECENDO UM POUCO DA OBRA DO LIVRO "O AVESSE DA PELE" (2020)<sup>1</sup>**

---

<sup>1</sup>FONTE:<<https://infinitasvidas.wordpress.com/2022/04/10/resenha-o-avesso-da-pele-jeferson-tenorio/>.Acesso>: Acesso:13/08/2023.

---

A trama acontece pelo ponto de vista de Pedro, um jovem que teve seu pai, Henrique, assassinado por uma ação policial desastrosa e incompetente. Ao visitar o apartamento de seu pai ao olhar para as coisas que ele deixou, para a bagunça intocada, Pedro busca encontrar as peças do quebra-cabeças que formava seu silencioso, reflexivo, filosófico e ressentido pai. Mas, por mais que o leitor acompanhe as reflexões de Pedro, a narrativa é direcionada à segunda pessoa do singular: o protagonista “conversa” com Henrique enquanto relembra as informações de seu passado que conseguiu resgatar e tenta dar sentido à história da família.

Com simplicidade tocante e uma maestria impecável, Jeferson Tenório retrata personagens com uma delicadeza singular. O ponto central é Henrique, cuja trajetória foi marcada por uma sucessão de desafios superados (e exaustão acumulada). Desde tenra idade, ele sentiu o peso do impacto de sua cor de pele, enfrentando inúmeras abordagens policiais. À medida que amadurecia, Henrique foi exposto a diversas formas de violência racial, demorando a perceber que era vítima desse sistema. Sua primeira namorada, Juliana, personifica a falta de responsabilidade individual dos brancos diante do racismo, adotando uma postura de não ser racista "por se relacionar com um homem negro" e acreditando erroneamente que o problema será resolvido se simplesmente não se abordar o assunto.

Com o passar do tempo, Henrique entra em contato com os estudos raciais e adquire uma percepção de que a questão é muito mais ampla do que ele imaginava. Nesse período, seu relacionamento com Juliana chega ao fim – no entanto, ela não será a única mulher a abalar sua estabilidade emocional. As lembranças de Pedro sobre o casamento de seus pais são profundas e intensas, carregadas de feridas psicológicas. É nesse momento que Martha, sua mãe, também ganha espaço na narrativa para que seu passado seja explorado, permitindo ao leitor cultivar empatia por ela, que causou várias formas de sofrimento na vida de Henrique. A própria Martha enfrentou perdas ao longo da vida, somadas à dificuldade de ser uma mulher negra em uma sociedade marcada pelo racismo e machismo: primeiro, perdeu seus pais em um acidente; depois, teve seus sonhos de um casamento feliz desfeitos ao sofrer abusos de seu primeiro marido; e, por fim, afeição de Henrique. A relação entre os dois persiste unicamente porque ambos possuem uma profunda necessidade de serem relevantes para alguém. Essa necessidade ocupa um espaço quase como uma "justificativa" para as ações desequilibradas e a toxicidade da relação, pois a autoestima de cada um se infla com a ideia de ser indispensável dessa forma. Através da perspectiva de Pedro, o leitor é guiado através das complexidades dessa dinâmica familiar que moldou o destino tanto de Henrique quanto de Martha, e que inevitavelmente influenciou a própria criação de Pedro, devido à subsequente separação de seus pais.

Por circunstância que Henrique não sabe explicar, ele se torna professor e leciona em uma escola localizada na periferia e testemunha situações surpreendentemente absurdas (como um aluno enrolando um cigarro de maconha em sua aula), evidenciando de maneira clara como os nossos educadores são confrontados com desafios extremos para os quais não foram devidamente preparados.

É imprescindível abordar “O avesso da pele” (2020) considerando a questão da violência policial. Desde a sinopse, é revelado o trágico destino de Henrique, mas o desenrolar dos eventos subsequentes surpreende pela brutalidade e pela forma detalhada como são narrados. A violência policial, no entanto, não se restringe apenas à morte de Henrique; ela permeia toda a narrativa, ilustrando um problema sistêmico que afeta profundamente a vida dos personagens e a dinâmica social apresentada no romance.

Nessa pequena tragédia familiar que compõe o nosso cotidiano, o autor, em determinados momentos da narrativa, menciona alguns artistas e músicas que Henrique apreciava escutar. Essa preferência musical remonta aos bailes frequentados por ele durante a adolescência, atravessa os momentos de pesar, como a morte de seu pai, e ecoa também nas

---

nas memórias de relacionamentos amorosos mal sucedidos.

### 3. “ABUNDANTEMENTE MORTE” – NINGUÉM MORREU.

A primeira música a ser analisada é “Abundantemente morte” (1973), composta por Luiz Carlos dos Santos, artisticamente conhecido como Luiz Melodia. Toninho Vaz (2020, p. 9), biógrafo do artista, relata que Luiz Melodia nasceu em 1951, no Morro do São Carlos, localizado no bairro Estácio de Sá, na Zona Norte do Rio de Janeiro. Seu apelido artístico foi herdado de seu pai, Oswaldo Melodia, um músico amador da comunidade de São Carlos.

O Morro do São Carlos, onde Luiz Melodia passou sua infância e juventude, serviu de berço e lar para diversos artistas influentes na cultura brasileira. Nomes notáveis como Aldir Blanc, Gonzaguinha, Madame Satã, Herivelto Martins, Grande Otelo e Ismael Silva, entre outros, têm raízes nesse local, conforme destacado por Vaz (2020, p. 15 a 20). Ao longo de sua carreira como compositor e cantor, Luiz Melodia lançou 19 álbuns.

A música “Abundantemente morte”, presente no álbum “Pérola Negra” (1973), fecha a ideia do tópico 2, do subtítulo “A Pele”. Em resumo, essa parte do livro descreve diversos acontecimentos vivenciados por Henrique ao longo de sua vida. Esses eventos incluem situações como um incidente em que um aluno vomita em Henrique na escola quando ele era professor; a ansiedade persistente que causa dores de estômago e o acompanha por grande parte de sua vida; o desenvolvimento de úlceras; a realização de uma endoscopia em um hospital público, que causa desconforto devido à pouca anestesia; um episódio de agressão na adolescência, quando foi confundido com um bandido, sendo espancado, algemado e levado para a delegacia; uma entrevista de emprego em um escritório de advocacia, na qual o dono expressa abertamente seu preconceito racial; pessoas próximas envolvidas com a criminalidade; o afastamento de sua fé religiosa; dificuldades econômicas e de sucesso com relacionamentos amorosos na adolescência; além de seu orgulho em não conseguir perdoar um antigo amor.

Após essas lembranças, que abrangem desde a infância até a meia-idade de Henrique (dos 12 aos 52 anos), ele coloca os fones de ouvido e começa a escutar:

#### **Abundantemente morte**

*Sou peroba*

*Sou a febre, quem sou eu?*

*Sou um morto que viveu*

*Corpo humano que venceu*

*Ninguém morreu*

*Ninguém morreu*

*Ninguém morreu*

*Tabuleta*

*Grandes letras feito eu*

*Abundantemente breu*

*Abundantemente fel*

*Ninguém morreu*

*Ninguém morreu*

*Ninguém morreu*

---

*Conforme fiquei, o tempo me embalava  
Se a chuva é mais forte, a enchente levava  
Colete de couro com fios de nylon  
No dia seguinte, o seguinte falhou  
A dança da morte ninguém frequentava  
A cruz a distância, do povo de nada  
Um morto mais vivo de vida privado  
No dia seguinte, o seguinte falhou*

(Luiz Melodia<sup>2</sup>)

Trata-se de um poema rimado, dividido em seis estrofes, sendo quatro quartetos e dois tercetos. Como o poema possui características musicais, os dois tercetos são considerados os refrões. Observa-se variação na métrica e na estrutura do poema, tais como a repetição de versos e a disposição livre das estrofes, o que pode sugerir uma abordagem experimental à forma poética. Essa característica pode ser associada a tendências literárias contemporâneas que exploram novas formas de expressão.

No século XX, a partir do Modernismo, a ideia de liberdade criativa, invenção romântica, prossegue sua carreira. Daí resultam, no plano da reflexão sobre os gêneros, teses que põem em dúvida a própria pertinência do conceito, sob o argumento de que as obras literárias, produtos da criatividade livre e individual, não se deixam enquadrar nos esquemas genéricos. Multiplicam-se, assim, experiências dificilmente redutíveis aos gêneros tradicionais, entre elas o sintomaticamente chamado "verso livre", que afastou a poesia dos velhos padrões reguladores da métrica, da rima e da estrofação (KEMPISKA; SOUZA, 2012, p. 12).

Assim, podemos ressaltar a influência modernista no poema, uma vez que identificamos elementos como: a exploração de temas internos, a abordagem não convencional da métrica e a busca por uma expressão autêntica. Esses aspectos buscavam romper com as tradições literárias, caracterizando-se pela exploração de novas formas de expressão.

O poema "Abundantemente morte" (1973) apresenta diversas figuras de linguagem que enriquecem sua expressão poética. No trecho "Sou a febre, quem sou eu?", surge um paradoxo inicial que provoca reflexão sobre a complexidade da identidade. Aqui, há a presença de um paradoxo. A repetição da frase "Ninguém morreu" ao longo do poema cria ênfase e reforça a constância da morte, mesmo quando negada. Isso configura a figura de linguagem da repetição. Já a reiteração do verso "No dia seguinte, o seguinte falhou" configura uma anáfora, ampliando a sensação de continuidade e ciclo, conferindo também ritmo ao poema. As expressões "Corpo humano que venceu" e "Colete de couro com fios de nylon" utilizam metáforas para conectar características humanas a elementos materiais. A expressão "Abundantemente breu / Abundantemente fel" emprega hipérbole para ressaltar o contraste entre escuridão e alegria, amplificando a carga emocional. O uso frequente de sons similares, como em "Sou peroba", "Ninguém morreu", "Abundantemente breu", produz musicalidade

---

<sup>2</sup> FONTE:< <https://www.lyrics.com/lyric/34525065/Lu%C3%ADz+Melodia>>. Acesso: 14/03/2023.

---

e fluidez sonora no poema, caracterizando aliteração e assonância. A ironia emerge na afirmação "Ninguém morreu", contraditória à temática central e contribuindo para a atmosfera ambivalente do texto.

Na nossa análise interpretativa, iniciaremos pela análise do título "Abundantemente Morte", que enfatiza a presença onipresente da morte. A partir dessa perspectiva, direcionaremos nossa análise para o impacto da morte na experiência humana.

A repetição da frase "Ninguém morreu" pode ser interpretada como uma contradição aparente, uma vez que o próprio poema aborda explicitamente o tema da morte. Essa aparente contradição pode sugerir a coexistência da morte com a vida, destacando como a morte é uma parte inevitável e constante do ciclo de existência. Outra abordagem interpretativa reside na ironia subjacente à frase. Considerando que o autor é negro e tem origem em uma comunidade do Rio de Janeiro, a morte de indivíduos negros, em diversas formas, é uma realidade constante nesses contextos<sup>3</sup>. Esse contraste entre a negação da morte e a sua presença marcante pode representar a dualidade da experiência humana, destacando a ambivalência dos sentimentos em relação à morte. Isso ressoa com as questões de mortalidade, finitude e persistência que são intrínsecas à condição humana. A abordagem do poema pode também estar dialogando com questões sociais, como a desigualdade e a violência que afetam certas comunidades de maneira mais acentuada. Almeida (2019, p. 123) argumenta que a história do racismo contemporâneo está profundamente ligada às crises estruturais do capitalismo. As mudanças necessárias nos parâmetros de intervenção estatal para restaurar a estabilidade econômica e política – entendendo-se por estabilidade o funcionamento regular do processo de valorização capitalista – sempre culminaram em novas formas de violência e em estratégias de opressão da população negra.

A frase "Corpo humano que venceu" pode ser interpretada como uma reflexão profunda sobre a dualidade entre a vida e a morte. Nesse contexto, Fanon (2020, p. 228) sugere que a verdadeira realização desse sujeito que "vence" só pode ser alcançada através da luta e do risco inerente a essa luta. Esse risco implica transcender a mera sobrevivência em busca de um objetivo maior: transformar a certeza subjetiva do próprio valor em uma verdade objetiva e universalmente reconhecida. Em outras palavras, para "vencer" e realizar-se plenamente, é necessário enfrentar desafios e perigos que permitem a transformação pessoal e coletiva. É através desse processo de luta e superação que a percepção interna de valor individual pode ser validada e reconhecida.

Além disso, essa frase também carrega outra camada de significado que se relaciona com a humanização do corpo negro. O autor enfatiza que, independentemente da cor da pele, cada corpo é, em sua essência, humano. O uso da expressão "corpo humano" é uma maneira de reforçar essa humanidade compartilhada, transcendendo as distinções externas. O acréscimo "que venceu" ressalta a resiliência do corpo negro diante das complexas pressões sociais e históricas que historicamente o afetaram. Nessa perspectiva, "vencer" não implica simplesmente sobreviver, mas sim resistir e persistir apesar das adversidades impostas por fatores sociais e históricos.

---

<sup>3</sup> Os agentes de segurança do Rio de Janeiro mataram 1.042 pessoas negras em 2022 (86,98% dos casos com informações completas de cor e raça). É o que mostra o boletim "Pele Alvo: a bala não erra o negro", [...] A cada oito horas e 24 minutos uma pessoa negra morreu em decorrência de intervenção policial em território fluminense. [...]. Fonte: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/rio-de-janeiro-tem-uma-pessoa-negra-morta-a-cada-8-horas-e-24-minutos/>. Acesso: 29 de maio de 2024.

---

Nas orações seguintes "Conforme fiquei, o tempo me embalava" transmite a ideia de sobrevivência de estar vivo por sorte, e a sentença se torna mais triste, pois passa a ideia de solidão, não há ninguém para cuidar, apenas o tempo e a expectativa da morte eminente.

As referências à "dança da morte ninguém frequentava" e à "cruz a distância, do povo de nada" podem transmitir uma sensação de isolamento diante da morte, um povo que foi abandonado. Isso remete até uma crítica ao cristianismo, que justificou a escravização dos povos africanos e conseqüentemente, as mazelas contemporâneas que contornam o povo negro.

A expressão "Um morto mais vivo de vida privado" pode ser interpretada como as privações que a vida proporciona. A sociedade já mata o indivíduo, tira as oportunidades de vida plena, priva-o de usufruir das coisas que a vida pode oferecer. Pode também ressaltar a discrepância entre a vida pública, que muitas vezes se baseia na aparência, e a verdadeira essência interna.

A repetição do verso "No dia seguinte, o seguinte falhou" cria um ritmo que reflete a natureza cíclica do tempo e da vida. Isso sugere que, embora o tempo avance, os ciclos de sucesso e falha, vida e morte, continuam. Mas podemos sugerir a ideia que esse ciclo foi interrompido, a morte veio, não teve o dia seguinte.

"Abundantemente Morte" é um título provocativo que enfatiza o tema da morte e sua presença onipresente na experiência humana. No livro "O avesso da pele" (2020) o autor Jeferson Tenório descreve a vida de Henrique que desde os 12 aos 52 anos, rompe com as dificuldades de ser um homem negro no Rio Grande do Sul. Assim, corroboramos com Bonetto (2018, p. 230) que em sua pesquisa<sup>4</sup> identificou que no Rio Grande do Sul, há um sistema de poder marcado pela branquitude, com privilégios de representação materiais e imateriais que marcam os espaços públicos da cidade. O termo "sou peroba", que é uma madeira dura e resistente, reforça a ideia da adversidade que esse protagonista negro vivencia durante o percurso de sua vida na cidade de Porto Alegre. Ele resiste as formas de opressão oriundas de uma cidade preconceituosa. Almeida (2019, p. 11) de uma forma mais abrangente, amplia essa visão do imaginário de resistência dos povos negros, mostrando que essa resistência não se limita apenas ao continente africano, mas se estende a todos os países que receberam africanos e seus descendentes.

Portanto, a análise interpretativa do poema "Abundantemente Morte" nos leva a considerar não apenas a sua abordagem poética, mas também suas possíveis implicações filosóficas e sociais, explorando a complexidade da relação entre a vida e a morte na experiência humana.

#### **4. "ACULTURADO" (2004) – ESTRANHO**

A segunda canção a ser comentada e interpretada como poema é "Aculturado", do cantor e compositor Itamar Assumpção<sup>5</sup>. Para nossa análise, é importante ressaltar que ele é negro, nasceu em Tietê, interior de São Paulo, em 1949 e viveu, alguns anos da sua juventude no es-

---

<sup>4</sup> Tese de Doutorado. A INVISIBILIDADE NEGRA NA CIDADE DE PORTO ALEGRE: Uma pesquisa sobre imaginários urbanos. UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL INSTITUTO GEOCIENCIAS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA. Helena Bonetto. 2018.

<sup>5</sup> Dados biográficos retirados em FONTE: <<https://brasilescola.uol.com.br/biografia/francisco-jose-itamar-assumpcao.htm>>. Acesso: 09/08/2023.

---

tado do Paraná. Gravou seu primeiro disco (1980), misturando reggae, samba, rock e funk. No total, foram sete álbuns, sendo PretoBrás (1998), seu último trabalho.

Para nossa análise, é importante ressaltar que ele é negro, nasceu em Tietê, interior de São Paulo, em 1949, e viveu alguns anos da sua juventude no estado do Paraná. Gravou seu primeiro disco em 1980, misturando reggae, samba, rock e funk. No total, foram sete álbuns, sendo PretoBrás (1998) seu último trabalho.

O segmento do livro que prenuncia a introdução da canção é o seguinte: Henrique reside em Porto Alegre, no estado do Rio Grande do Sul. Ele nunca teve a oportunidade de conhecer seu pai, uma vez que este abandonou a família antes de completar o primeiro ano de Henrique, e a partir desse ponto, nunca mais tiveram contato. O pai de Henrique vem a falecer na cidade do Rio de Janeiro. A despeito de não demonstrar grande interesse em participar do velório, Henrique enxerga uma oportunidade de se distanciar um pouco de sua rotina exaustiva como professor. Ao embarcar no ônibus com destino ao Rio de Janeiro, ele decide colocar seus fones de ouvido para reproduzir de forma repetida as canções "Aculturado" e "Ao que vai nascer". Vale ressaltar que, neste ponto da narrativa, procederemos com a análise específica da canção "Aculturado".

### **Aculturado**

*Culturalmente confuso  
Brasileiro é aculturado  
Líbio, libanês, árabe turco  
Acha farinha do mesmo saco*

*Não saca croata, curdo  
Não saca iugoslavo  
Nem belga, nem mameluco*

*Não saca Platão, nem Plutarco*

*Não saca que um cafuzo  
Mestiço não é mulato  
Que apito toca o Caruso  
Que apito toca Bach*

*Não saca sueco, luso  
Egípcio, tchecoslovaco  
Kafka, Freud, Confúcio  
Não saca que russo é cossaco*

(Itamar Assumpção<sup>6</sup>)

---

<sup>6</sup> FONTE: <<http://www.mpbnet.com.br/canto.brasileiro/itamar.assumpcao/letras/aculturado.htm>>. Acesso: 22/08/2023.

---

Primeiramente fazendo um comentário analítico, captamos que é um poema rimado, dividido em cinco estrofes, sendo dois quartetos iniciais, em seguida tem uma quebra, com estrofe com apenas um verso e depois tem mais dois quartetos. Existe também uma variação na métrica e estrutura do poema. Ele pode ser classificado como um poema lírico contemporâneo com elementos de crítica social e reflexão sobre identidade cultural.

Schollhammer (2011, p.54) detecta uma característica na literatura contemporânea brasileira que, mostra um retorno à tendência realista. Isso tem como motivo a observação de um fato do cotidiano - corriqueiro, banal - a existência humana, procurando o sentido das coisas. Ele ainda afirma que o novo realismo se manifesta através do desejo de conectar a literatura e a arte com a realidade social e cultural da qual surgem, integrando essa realidade de forma estética e posicionando a própria criação artística como uma força de transformação.

As principais figuras de linguagem que podemos destacar do poema são a hipérbole, um exagero intencional para enfatizar a ideia de confusão cultural e generalização dos grupos étnicos que podemos observar no trecho "Acha tudo do mesmo lado". A anáfora, que podemos identificar na repetição de palavras ou expressões no início de versos sucessivos, como "Não saca" e "Não entende", destacando a incompreensão cultural, "Não saca croata, curdo / Não saca iugoslavo / Nem belga, nem mameluco.". A ironia no trecho "Não vê que um cafuzo / Mestiço não é mulato", aqui a ironia ressalta a falta de entendimento cultural. A metáfora no uso de imagens para representar ideias, como "O apito do Caruso / É diferente do toque de Bach." Aqui, a metáfora sugere a diferença entre estilos musicais.

A análise interpretativa desse poema se amplia em relação ao livro e não apenas ao trecho que antecipa a entrada da música na narrativa. Apesar do livro ter um agudo traço de reflexão racial, a sua discussão não se limita só a isso, pois tem outros temas que o circunda como as relações familiares, luto, relacionamentos amorosos, precariedade de serviços públicos e a identidade.

O poema carrega uma descrição sobre a formação da identidade do povo brasileiro. Itamar Assumpção é um homem negro, que morou no sul do país, no Paraná. Assim, podemos fazer comparação com a intenção do autor em destacar esse compositor no livro, pois o personagem principal é retrato como morador de Porto Alegre, também do Sul do país. A falta de pertencimento racial e cultural pode ser uma temática compartilhada entre o autor e o personagem, e o poema pode ser visto como uma expressão desse sentimento de ambiguidade indenícia.

Munanga (1999, p.14) ressalta que a construção de uma consciência não é possível, sem colocar no ponto de partida a questão de autodefinição, ou seja, da autoidentificação dos membros do grupo em contra posição com a identidade dos membros do grupo "alheio".

Essa identidade, que é sempre um processo e nunca um produto acabado, não será construída no vazio, pois seus constitutivos são escolhidos entre os elementos comuns aos membros do grupo: língua, história, território, cultura, religião, situação social, etc. Estes elementos não precisam estar concomitantemente reunidos para deflagrar o processo, pois as culturas em diáspora têm de contar apenas com aqueles que resistiram, ou que elas conquistaram em seus novos territórios personalidade coletiva, que serve de plataforma mobilizadora (MUNANGA, 1999, p.14).

---

Outros aspectos que podemos refletir são: a crítica social, pois há uma generalização de grupos étnicos "um mesmo saco". Essa crítica denuncia a ignorância e a falta de compreensão em relação à diversidade cultural, destacando como essas atitudes perpetuam estereótipos e preconceitos. Ao longo do poema, o autor provoca o leitor a refletir sobre a complexidade da cultura e a importância de reconhecer a individualidade de cada grupo cultural. Através das críticas e das ironias, o poema busca conscientizar sobre a necessidade de ampliar a perspectiva e a compreensão cultural.

Podemos pontuar que Henrique vai em direção ao pai, ao seu velório, um pai que ele praticamente não conheceu, assim ao colocar os fones no ouvido e escutar a canção "Aculturado", o protagonista em questão empreende uma busca intrínseca pela identidade e pela base genealógica, visando encontrar respostas para os desafios inerentes à sua rotina cotidiana como homem negro residente no estado do Rio Grande do Sul.

## 5. "AO QUE VAI NASCER" (1972) – UM DIA TE ENCONTRO...

A canção foi composta por Milton Nascimento e Fernando Brant<sup>7</sup>. As informações biográficas mencionadas foram principalmente retiradas da biografia de Duarte (2006, p. 24). Milton Nascimento, cujo nome completo é Milton da Silva Campos do Nascimento, nasceu no Rio de Janeiro em 26 de outubro de 1942, mas estabeleceu sua residência na cidade de Três Pontas, situada em Minas Gerais. Sua mãe biológica, Maria do Carmo do Nascimento, era natural de Juiz de Fora (MG), enquanto seu pai biológico, pouco antes do falecimento da mãe de Milton, tomou a decisão de sair da família. Como resultado, ele foi adotado por Lília e Josino, formando uma nova família na mencionada cidade, para onde ele viajou de trem. Nesse local, havia um cinema que deixou uma marca profunda em Milton, visto que ele pode apreciar diversos filmes, uma experiência que o impactou de maneira significativa. Apesar de ser negro e ter pais adotivos de ascendência branca, Milton era tímido e teve que lidar com a discriminação em sua comunidade. No entanto, de acordo com relatos de sua biografia, sua infância é recordada como um período feliz.

No "O Avesso da pele" (2020), essa canção fica alternando repetidamente com a música analisada acima "Aculturado". Lembrando que Henrique, o personagem principal, está com os fones no ouvido em direção ao Rio de Janeiro, com a intenção de participar do velório e enterro de seu pai.

**Ao que vai nascer**  
*Memória de tanta espera*  
*Teu corpo crescendo, salta do chão*  
*E eu já vejo meu corpo descer*  
*Um dia te encontro no meio*  
*Da sala ou da rua*  
*Não sei o que vou contar*  
*Respostas virão do tempo*

---

<sup>7</sup> Fernando Brant foi um dos parceiros compositores de Milton Nascimento. FONTE: DUARTE, Maria Dolores Pires do Rio. Travessia: a vida de Milton Nascimento. Rio de Janeiro: Record, 2006.

---

*Um rosto claro e sereno me diz  
E eu caminho com pedras na mão  
Na franja dos dias esqueço o que é velho  
O que é manco, e é como te encontrar  
Corro a te encontrar  
Um espelho feria meu olho e na beira da tarde  
Uma moça me vê  
Queria falar de uma terra com praias no norte  
E vinhos no sul  
A praia era suja e o vinho vermelho  
Vermelho, secou  
Acabo a festa, guardo a voz e o violão  
Ou saio por aí  
Raspando as cores para o mofo aparecer  
Responde por mim o corpo  
de rugas que um dia a dor indicou  
E eu caminho com pedras na mão  
Na franja dos dias esqueço o que é velho  
O que é manco, e é como te encontrar  
Corro a te encontrar  
  
Corro a te encontrar  
Corro a te encontrar  
Corro a te encontrar  
Corro a te encontrar*

(Milton Nascimento e Fernando Brant<sup>8</sup>)

O poema "Ao que vai nascer", apresenta uma estrutura livre, o que significa que não segue um padrão rígido de métrica ou rima. A ausência de um padrão fixo confere ao poema uma sensação de fluidez e liberdade expressiva. Possui versos livres que proporcionam uma sensação de espontaneidade. Portanto, devido às suas características de subjetividade, liberdade expressiva, foco nas emoções e abordagem de temas universais, o poema tem influências da poesia lírica moderna.

As principais figuras de linguagem que podemos destacar são a metáfora nas expressões "Teu corpo crescendo, salta do chão" e "caminho com pedras na mão". A anáfora nos trechos "Corro a te encontrar" no final do poema, reforçando a ideia de busca e urgência. A Hipérbole na expressão "Responde por mim o corpo / de rugas que um dia a dor indicou" exagera a ideia do corpo carregando histórias. E o eufemismo na referência ao corpo "de rugas que um dia a dor indicou" atenua a ideia do envelhecimento.

Podemos elucidar uma série de imagens e metáforas que evocam sensações e emoções. Observamos algumas ideias abstratas com o passar do tempo, o encontro com o futuro e sobre as memórias. O aspecto da memória é bem significativa para a construção da

---

<sup>8</sup> FONTE: <<https://medium.com/gerador-de-van-de-graaff/ao-que-vai-nascer-clube-da-esquina-1972-709f952c4502>>. Acesso: 24/08/2023.

---

da narrativa do livro “O Averso da Pele” (2020), pois o romance é construído através das memórias do filho de Henrique.

O poema transita entre diferentes momentos temporais, desde a espera ansiosa do nascimento até o encontro futuro com o objeto de sua espera. Essas transições contribuem para uma sensação de movimento e desenvolvimento. Esse aspecto também se aproxima com o contexto que se dá na narrativa, especificamente podemos citar no trecho:

Acho que vocês nunca se preocuparam em organizar uma narrativa para mim. Sei que o tempo foi passando e o que foi dito por vocês, antes de minha memória, foi dito em retalhos. Então precisei juntar os pedaços e inventar uma história. Por isso não estou reconstituindo está história para você nem para minha mãe, estou reconstituindo esta história para mim [...] (TENÓRIO, 2020, p. 183).

A voz poética parece compartilhar suas reflexões e experiências pessoais, criando uma conexão direta com o leitor. O uso de pronomes pessoais ("eu", "meu", "me") contribui para essa abordagem intimista. No trecho “corro até te encontrar”, do poema, vai de encontro direto com Henrique, protagonista do livro, indo para encontrar o seu pai, mesmo que este já esteja morto, é um encontro. Um pai que não foi presente, uma memória que não existe, mas como está no poema, “Memória de tanta espera”.

A metáfora presente no verso "caminho com pedras na mão" sugere a ideia de resistência, de estar constantemente preparado e protegido, dado que as circunstâncias da vida exigem atenção constante. Conforme Ribeiro (2019, p. 8) observa, o racismo atua como um mecanismo opressor que nega direitos, perpetuando-se diariamente contra a população negra. Esses eventos se normalizam gradualmente, de modo que os indivíduos negros passam a internalizá-los e enfrentar adversidades de maneira constante. Isso ocorre considerando o histórico de escravidão, que resultou em várias gerações sofrendo com essas repercussões.

Voltando na narrativa, percebemos que o autor faz essa conexão do antes, durante e depois da vida de Henrique. Ele relata os acontecimentos da mãe e do pai de Henrique, descreve acontecimentos do próprio Henrique, e que depois a história se desemboca para o filho de Henrique. Todos esses acontecimentos tem o envolvimento de problemas raciais. E esse aspecto é gerador de sofrimento e indica essa ideia de ao mesmo tempo ser resistente, sempre alerta, sempre com uma “pedra na mão”.

## **6. “IMAGENS” (1974) – SOU UM ‘MAU’ PROFESSOR**

A quarta canção do nosso estudo foi composta por Jards Anet da Silva<sup>9</sup>, conhecido artisticamente como Jards Macalé. Nascido no Rio de Janeiro em 1943. Ele foi compositor, cantor, violonista, arranjador, produtor musical e ator. Sua mãe era pianista, e o pai, acordeonista. Os dois, com frequência, o levavam a concertos de música erudita. Ele era negro. Recebeu esse apelido de Jards Macalé em referência a um jogador de futebol do time do Botafogo do Rio de Janeiro.

<sup>9</sup> Fonte: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa12050/jards-macale>. Acesso: 15/11/2023.

---

De acordo com o contexto do livro, a música aparece no subtítulo “A Barca”, número 6. Henrique acabava de ministrar uma boa aula de literatura. De forma criativa ele supera as adversidades do sistema escolar e aproximar seus alunos do livro “Crime e Castigo”<sup>10</sup>. Henrique gentilmente ofereceu o empréstimo do livro a um dos alunos interessado, mas este declinou, mencionando a urgência em procurar emprego e a escassez de tempo para ler. Embora o professor tenha pensado em insistir, decidiu se conter, considerando que poderia parecer prepotente. Optou por valorizar a qualidade da aula oferecida e se retirou. Mais tarde, após essa aula gratificante, o professor começou a cantarolar suavemente: A lua É Gema Do Ovo No Copo Azul Lá Do Céu.

### **Imagem**

*A Lua É Gema Do Ovo  
No Copo Azul Lá Do Céu  
Se A Imagem É Maluca  
Se Eu Sou Mau Compositor  
É Que Tenho A Alma Em Sinuca  
Maluca Pelo Teu Amor  
O Beijo É Fósforo Aceso  
Na Palha Seca Do Amor  
Porém Foi O Teu Desprezo  
Que Me Fez Compositor.*

(Orestes Barbosa, Valzinho)

Esse texto poético tem uma profundidade singular ao explorar metáforas e analogias para expressar emoções complexas. A imagem da “lua como a gema de um ovo em um copo azul do céu” é poética e misteriosa, evocando uma sensação de algo precioso e distante. Utiliza-se de algumas figuras de linguagem conferem ao texto uma riqueza poética, permitindo que emoções complexas sejam transmitidas de maneira mais vívida e simbólica, como: a metáfora no trecho “A Lua é gema do ovo”, essa comparação sugere uma relação de preciosidade e distância; a metonímia no verso “O Beijo é fósforo aceso na palha seca do amor”, aqui, o beijo é usado para representar a paixão ou a chama do amor; a hipérbole no verso “alma em sinuca” por amor, o que sugere uma forte perturbação emocional, ou mesmo uma alma cheia de buracos de sofrimentos; e podemos identificar a Antítese na contraposição de ideias opostas, como a dualidade entre a imagem de mau compositor e a inspiração proveniente do desprezo recebido.

Na nossa análise interpretativa, estabelecemos um paralelo entre a narrativa em estudo e a associação entre a imagem excêntrica e a autopercepção de um compositor incompetente. Henrique, personagem central, enfrenta um conflito interno complexo: enquanto busca exercer sua função como professor e gerenciar uma sala de aula, confronta uma autopercepção negativa, sentindo-se, em muitos momentos, impotente diante da complexidade do sistema

---

<sup>10</sup> Crime e Castigo é um romance publicado em 1866. É o nono do escritor e jornalista russo Fiódor Dostoiévski. FONTE: <https://www.culturagenial.com/livro-crime-e-castigo-de-fiodor-dostoiievski/>. Acesso: 16/11/2023.

---

educacional público. A narrativa revela uma luta emocional entre a criatividade e a coragem de aplicar obras desafiadoras, como 'Crime e Castigo', na sala de aula, e a insegurança pessoal de que tudo possa dar errado. O termo 'mau compositor' pode ser facilmente associado a um 'mau professor', como ele próprio se define em diversos momentos da história, sentindo-se um profissional subjugado pelo fracasso do sistema de ensino." Esclarecendo que o 'mau' da letra da canção é de malvadeza, compositor malvado. O autor utiliza a ironia sobre ser compositor e, ao mesmo tempo, essa ironia cabe para o professor Henrique. No decorrer dos acontecimentos percebemos que ele é um bom professor, mas, devido às circunstâncias impostas pelo sistema educacional, ele vai se tornando um 'mau' professor.

A dualidade entre amor e dor, entre a paixão criativa e o sofrimento emocional, é expressa de forma habilidosa na letra da música. A habilidade de transformar experiências pessoais em arte, mesmo que dolorosas, é um tema central que ressoa na poesia. Henrique vive essa dualidade, esse desafio, entre o amor e o ódio com a licenciatura.

## 7. CONCLUSÃO

O livro "O avesso da pele" (2020), traz um protagonista negro, professor de literatura de escola pública da Cidade de Porto Alegre, no Rio grande do Sul. Assim, podemos de forma empirista e de acordo com as características citadas, que no desenvolver da narrativa vamos nos defrontar com mais uma das pequenas tragédias humanas. E que de fato isso acontece, mas o livro traz a poética literária na narrativa que se embrenham com as canções. Uma narrativa simples, mas que rebuscamento literário, engendrado das canções, aprofunda a cientificidades de processos ideológicos e culturais da narrativa.

Em nossas análises interpretativas das letras das músicas, podemos afirmar que através delas, há uma valorização estética do livro, um recurso utilizado pelo autor como forma de complementar sua capacidade expressiva, sua subjetividade.

Concluimos, portanto, que as canções inseridas na obra não se configuram como um mero recurso trivial do autor. Embora à primeira vista possamos supor que são utilizadas para atenuar a tragédia do personagem, as canções "Abundantemente morte", "Aculturado", "Ao que vai nascer" e "Imagem" revelam-se, na verdade, como elementos que enriquecem e aprofundam as discussões pertinentes presentes no livro.

## 8. REFERÊNCIAS

Abundantemente morte: Luiz Melodia. Lyrics. 2008. Disponível em: <https://www.lyrics.com/lyric/34525065/Lu%C3%ADz+Melodia>. Acesso: 14/03/2023.

Aculturado. Itamar Assumpção. 2009. Disponível em: <http://www.mpbn.net.br/canto.brasileiro/itamar.assumpcao/letras/aculturado.htm>. Acesso: 22/08/2023.

ALMEIDA, Silvio. **Racismo Estrutural**. São Paulo. Sueli Carneiro: Editora Pólen, 2019.

---

Ao que vai nascer. Clube da Esquina (1972). 2017. Disponível em: <https://medium.com/gerador-de-van-de-graaff/ao-que-vai-nascer-clube-da-esquina-1972-709f952c4502>. Acesso: 24/08/2023.

BARTHES, Roland. **La Préparation du roman I et II** (Cours et séminaires au Collège de France 1978-1979 et 1979-1980). Texte établi, anoté et présenté par Nathalie Léger. Paris: Seuil, IMEC, 2003.

BOSI, A. **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

CÂNDIDO, Antônio. **Estudo analítico do poema**. 5. Ed. – São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

DUARTE, Maria Dolores Pires do Rio. **Travessia: a vida de Milton Nascimento**. 1ª edição. Rio de Janeiro – RJ. Record, 2017.

GUEROZOLI, Olga; SOUZA, Roberto Acízelo Quelha de. **Teoria da Literatura I**, V2. Rio de Janeiro. Fundação CECIERJ, 2012.

Imagem. Orestes Barbosa; Norival Carlos Teixeira. Aprender a nadar. 1974. Disponível em: [https://www.discogs.com/pt\\_BR/release/4744428-Jards-Macal%C3%A9-Aprender-A-Nadar](https://www.discogs.com/pt_BR/release/4744428-Jards-Macal%C3%A9-Aprender-A-Nadar). Acesso: 11/10/2023.

José Francisco Itamar Assumpção. Brasil escola. 2012. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/biografia/francisco-jose-itamar-assumpcao.htm>. Acesso: 09/08/2023.

LIMA, Maria de Fátima Gonçalves. **Lirismo contemporâneo de Delermundo Vieira**. Guará, Goiânia, v. 7. N.2 p. 109-133, jul/dez.2017. disponível em: [file:///C:/Users/Vin%C3%ADcius%20Moraes/Desktop/mestrado%20%20literatura/disciplina%20%20teoria%20da%20poesia/artigo%20poesia/artigo%20lirismo%20congtemporaneo%20\(revista\).pdf](file:///C:/Users/Vin%C3%ADcius%20Moraes/Desktop/mestrado%20%20literatura/disciplina%20%20teoria%20da%20poesia/artigo%20poesia/artigo%20lirismo%20congtemporaneo%20(revista).pdf). Acesso: 09/08/2023.

MIRANDA, Luiz Mariano de Moura Silva. Entre o êxtase e a estase: a música de Milton Nascimento. **Dissertação** (Mestrado) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Artes, Programa de Pós-Graduação em Música, Florianópolis, 2018.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Petrópolis, RJ. Vozes, 1999.

Renato Pereira. Rio de Janeiro tem uma pessoa negra morta a cada 8 horas e 24 minutos. Maioria dos mortos tinha entre 18 e 29 anos (482); crianças e adolescentes com idades entre 12 e 17 anos somam 50 pessoas. CNN – São Paulo. Publicado em 16/11/2023. Fonte: <<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/rio-de-janeiro-tem-uma-pessoa-negra-morta-a-cada-8-horas-e-24-minutos/>>. Acesso: 29 de maio de 2024.

---

Resenha: O Averso da Pele – Jeferson Tenório. Infinitas Vidas. 2022. Disponível em: <https://infinitasvidas.wordpress.com/2022/04/10/resenha-o-avesso-da-pele-jeferson-tenorio/>. Acesso:13/08/2023.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. **Ficção brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

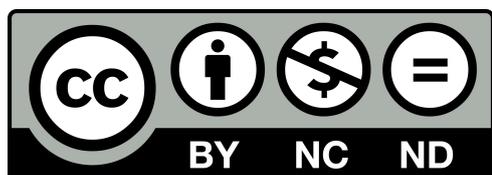
TATIT, Luiz. **A canção: eficácia e encanto**. São Paulo: Atual. 1986.

TENÓRIO, Jeferson. **O avesso da pele**. 1º ed., São Paulo: Companhias das Letras.

TINHORÃO, José Ramos. **A música popular no romance brasileiro**. 2. ed. São Paulo. 2000.

VAZ, Toninho. **Meu nome é ébano: A vida e a obra de Luiz Melodia**. São Paulo : Tordesilhas, 2020.

WISNIK, José Miguel Soares. **A gaia ciência: literatura e música popular no Brasil. Ao encontro da palavra cantada**. Tradução. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2001.



A Revista de Comunicação Dialógica (RCD) é editada pela Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e está licenciada sob uma licença Creative Commons Atribuição-Não Comercial-Compartilha Igual 4.0 Não Adaptada.

**Link:** <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>.

*Recebido em: 09/04/2024*

*Aprovado em: 10/06/2024*